

A CIDADE SOBRE A COLINA QUE SE DANE, OU QUANDO A DESORDEM É FINALMENTE ACEITA EM *PASTORAL AMERICANA*, DE PHILIP ROTH

Marina Pereira Penteado

Orientadora: Sonia Regina Aguiar Torres da Cruz

Doutoranda

RESUMO: O presente trabalho é parte da minha tese de doutorado que propõe uma investigação a respeito do enfraquecimento das possibilidades utópicas no que concerne à discussão sobre a tematização do Sonho Americano em romances estadunidenses da década de 1990. Através da análise de *Pastoral Americana* (1997), de Philip Roth, um dos romances que compõe *corpus* da tese, minha intenção é explorar de que maneira a nostalgia do narrador por contar uma história que se passa em um período conturbado para os Estados Unidos (1960-1970) está em consonância com as angústias do período que analiso, observando como o ideal de Sonho Americano e de família nuclear é percebido em um momento histórico marcado por narrativas sobre o “fim” de algo. Desta forma, tomando como referência estudos sobre a sociedade, política e a literatura norte-americana, me interessa abordar como o romance de Roth sugere a necessidade de repensar as formas de transgressão que estavam em voga no final do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura norte-americana, crise utópica, final do século XX.

Neste trabalho, através da análise do romance de Philip Roth, proponho uma reflexão sobre como o Sonho Americano é percebido no final do último século, focando, sobretudo, na ansiedade de perda do ideal de família nuclear. A narrativa de Roth dá conta de boa parte do último século e pontua a tomada de consciência de Sueco Levov quanto à ingenuidade que é crer na possibilidade de ordem em um mundo tumultuado que coloca em xeque as expectativas e sonhos dos personagens. A partir dos fragmentos que o narrador possui da história do herói da escola secundária de Weequahic, a criação diegética de *Pastoral*

americana esmiúça a crise utópica de seu tempo tendo como foco o percurso da família Levov. Desta forma, minha intenção é explorar de que maneira a nostalgia do narrador, que escolhe contar a história do Sueco nas décadas de 1960 e 1970, está em consonância com as angústias do período que ele habita, observando como o ideal do Sonho Americano e da família nuclear são percebidos nesse final de século marcado por narrativas sobre o “fim” de algo. Para tanto, começo a discussão que apresento nessa comunicação, com a reflexão sobre a tomada de consciência da impossibilidade de encontrar ordem em um momento histórico no qual a desordem e o caos predominam, aspecto que será importante para entender a queda da família Levov.

Dentre as inúmeras histórias que falam sobre a falência do Sonho Americano, as da década de 1990 dão o seu tom próprio a tal temática. Em um período marcado pela falta de esperanças em relação ao futuro, que se mostra distópico, com teorias sobre o fim do mundo e o *bug* do milênio, e é responsável pela criação de narrativas apocalípticas nas quais o prenúncio do fim é recorrente, *Pastoral americana* narra a história de Sueco Levov, da sua glória dos tempos da escola secundária até a sua queda na turbulenta década de 1960, quando sua filha, Merry Levov, em protestos contra a guerra do Vietnã, joga uma bomba na agência de correios do mercadinho de Old Rimrock e mata uma pessoa.

Para contar a história do (a princípio) bem sucedido judeu Seymour “Sueco” Levov, o romance é dividido em três partes: “Paraíso lembrado”, “A queda” e “Paraíso perdido”, títulos que remetem à clássica epopeia de John Milton, obra inspirada no Gênesis que vai narrar a expulsão do homem do Éden após ser tentado por Lúcifer a provar o fruto proibido. A história de Roth é de queda. A idealização que o termo “pastoral” inspira no título, por sua vez, se torna irônica e resta perdida nas páginas que falam do tempo em que o narrador, Nathan Zuckerman, um velho conhecido dos leitores de Roth¹⁷⁰, e seu protagonista estavam na escola secundária, logo após a rendição incondicional dos japoneses, “durante o maior momento de embriaguez coletiva da história americana” (ROTH, 2013, p. 53). Longe da concepção idealizada que ele e a comunidade tinham de Sueco na Weequahic pós-guerra,

¹⁷⁰Zuckerman, considerado pela crítica o alter ego de Roth, surge em vários romances do autor como narrador ou protagonista. A lista de histórias em que ele aparece inclui os seguintes livros: *O escritor fantasma*, *Zuckerman libertado*, *Lição de anatomia*, *A orgia de Praga*, *O avesso da vida*, *Pastoral americana*, *Casei com um comunista*, *A marca humana* e *Fantasma sai de cena*.

Zuckerman, nos anos de 1990, vai narrar a história desse herói que gerou uma filha monstruosa¹⁷¹ que o retirou de seu mundo idílico de ordem. O processo de desconstrução da identidade americana proposta por Zuckerman começa com a tentativa de entender o fascínio que Sueco causava na comunidade e nele próprio.

Chamado de “Apolo local” (ROTH, 2013, p. 09), é imposto ao então jovem Seymour o papel de uma divindade que, tal qual Apolo, Deus da luz e da beleza – e protetor dos pastores –, também atua como um agente da purificação. Temática recorrente, devido ao passado religioso do país, a discussão sobre purificação surge no romance de Roth com uma aura de zombaria, uma vez que no século XX já ficou mais do que claro que é algo impossível de se alcançar. A função purificadora de Sueco só surge como possível nesse delírio comunitário que o adotou como uma espécie de Deus na época em que ele cursava a escola secundária, quando a comunidade de Weequahic precisava dele para acreditar que ainda existia algo puro no mundo. Na sua vida adulta, por outro lado, sua queda virá concomitantemente com a aceitação de que a pureza é algo impossível de ser atingido.

A criação de figuras heroicas normalmente está ligada a períodos de crise e surge como uma necessidade da nação ou comunidade de reafirmar sua identidade, como é o caso do que ocorre com Weequahic e Sueco. A própria criação do termo Sonho Americano, em 1931, segue essa lógica, segundo Lawrence Samuel, estudioso do ideal, que observa que esse era o momento mais frutífero para o desenvolvimento do mesmo, já que o país precisava lutar para manter sua identidade em meio ao tumulto econômico, político e social do período¹⁷². Não obstante, é essa a época na qual o termo é cunhado por James Truslow Adams¹⁷³. Não que a Depressão tenha sido a primeira crise a desestabilizar o ideal de Sonho Americano, como o próprio Adams observa ao citar outras crises do século XIX e mesmo no início do

¹⁷¹ É interessante observar que a palavra “monstro” vem do latim “*monstrum*”, que por sua vez significa “aquele que mostra”. O fato de tal palavra ser utilizada para descrever Merry várias vezes durante o romance não pode passar despercebida, uma vez que é ela quem leva Sueco a perceber a nova realidade – e desestabilizante – realidade.

¹⁷² Samuel, Lawrence R. *The American Dream: A Cultural History*. New York: Syracuse University Press, 2012. p. 13: “*The Depression and war years would prove to be a fruitful period for the A. D. as the country struggled to retain a sense of identity amid economic, social, and political turmoil*”.

¹⁷³ Em *The Epic of America*, de 1931.

século XX¹⁷⁴, mas, em um artigo de 1933 publicado no *New York Times*, Adams discorre sobre como a nação, depois de ter sobrevivido à crise de 1926-1929 deveria encontrar seu caminho e restaurar a fé no Sonho Americano¹⁷⁵, mostrando o caráter regenerativo do ideal que segue sobrevivendo às crises e se remodelando, como é possível perceber, uma vez que ele está presente nos discursos de todos os presidentes norte-americanos, inclusive nos dos mais recentes como George W. Bush¹⁷⁶ e Barack Obama¹⁷⁷, como não poderia deixar de ser.

A partir da visão de Zuckerman do final do século XX, somos transportados para os *suburbs* de Nova Jersey no pós-guerra, espaço que vira o centro do Sonho Americano nesse período¹⁷⁸. Com uma vida aparentemente perfeita, casado com a ex-miss Nova Jersey, Dawn Dwyer, e sendo proprietário de uma fábrica de luvas herdada de seu pai e de uma “antiga e imponente casa de pedra, nas montanhas onde Washington por duas vezes instalou seu acampamento de inverno durante a Guerra Revolucionária” (ROTH, 2013, p. 394), Sueco se depara com o primeiro obstáculo, que é a gagueira de Merry. Privilegiada com a boa aparência herdada dos pais e com uma maturidade acima do normal para sua idade, a menina não é fluente e, independente das tentativas de Sueco e Dawn para corrigirem seu problema de fala – fonoaudiólogos, psiquiatras, *ballet*, entre outros privilégios aos quais Merry tinha acesso –, a culpa acaba sendo deles, já que segundo o psiquiatra: “parecia que a etiologia do problema de Merry tinha a ver, em grande parte, com o fato de ela ter uma aparência muito boa e pais muito bem-sucedidos” (ROTH, 2013, p. 119).

Primeiro, a responsabilidade pela gagueira da filha da forma como imposta pelo psiquiatra de Merry, depois, a responsabilidade maior de ter criado o elemento impuro que vai desestabilizar a família perfeita. Assim, se dá o início do fim do Sonho Americano de Levov. Com a desordem partindo de dentro da própria casa, esse símbolo de prosperidade que,

¹⁷⁴ Cf: “*Americans had done precisely the same thing in the great speculative periods of 1834-1836, of 1852-1857, in the overexpansion of 1871-1873, in 1890-1891, and notably in 1905-1907, the last period culminating in the so-called ‘rich man’s panic’.*” Disponível em: <<http://www.nytimes.com/learning/teachers/archival/19330101AmericanDream.pdf>>. Acesso: 3 jan. 2016.

¹⁷⁵ Cf: “*All that can be said is that, like the passing of the shadow in an eclipse, the light of reason appears to be steadily extending over the nation.*” Disponível em: <<http://www.nytimes.com/learning/teachers/archival/19330101AmericanDream.pdf>>. Acesso: 3 jan. 2016.

¹⁷⁶ Cf disponível em: <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/americas/1069929.stm>> Acesso em: 3 jan. 2016.

¹⁷⁷ Cf disponível em: <<http://edition.cnn.com/2007/POLITICS/12/21/obama.trans.americandream/>>. Acesso em: 3 jan. 2016.

¹⁷⁸ Samuel, Op. cit., p. 56: “*... the suburban home became central to the A. D. during the postwar years.*”

segundo o professor de ciências políticas Jim Cullen, em um estudo sobre oportunidade e exclusão no estudo da busca do Sonho Americano, é o aspecto do Sonho Americano que teve o apelo mais vasto, além de ter sido o mais concretizado¹⁷⁹, surge o monstro que evidencia o lado feio que era possível encontrar até nos Levov.

Se desde a chegada dos Puritanos os Estados Unidos já são impregnados com discursos sobre limpeza e pureza, no século XX esse discurso se transforma e se ameniza, uma vez que uma gama de discussões, em grande parte derivadas dos estudos culturais, questionam esses princípios e mostram o problema que é pensar em termos estruturalistas de oposições binárias como ordem x desordem e limpeza x sujeira. Contudo, a tentativa de purificação não é esquecida, e no lugar de queimar e perseguir as pessoas que não se enquadram e/ou respeitam os padrões, as táticas se tornam mais dissimuladas, mas não menos cruéis. As desculpas se tornam outras: no lugar de bruxas, temos a perseguição aos comunistas (como o Roth vai explorar em *Casei com um comunista*); e, no lugar de Hester Prynne temos Monica Lewinsky (figura que surge por trás da narração de *A marca humana*). A busca pela pureza inclui a condenação moral e, como o próprio Roth observa no romance *A marca humana*, a santimônia está viva e pulsando no final do século nos Estados Unidos: “Se você não viveu 1998, você não sabe o que é santimônia” (ROTH, 2014, p. 08). Os motivos podem ser outros, mas o desejo puritano que ainda sobrevive no discurso estadunidense de manter a candura segue na base das declarações: todos são livres, desde que a ordem seja mantida.

É no aspecto da desordem que Zuckerman resolve se ater ao contar a história de queda de Sueco e do seu Sonho Americano. Nada pode ser feito para evitar que um desastre ocorra e destrua o que Sueco e as gerações de Levov anteriores haviam conquistado, simplesmente porque a vida não tem mais sentido.

A imagem da filha como agente de caos e sujeira é afirmada a toda instante, como nos inúmeros momentos em que Merry é comparada a um monstro, aquela que infecta a

¹⁷⁹Cullen, Jim. *The American Dream: A Short History of an Idea that Shaped a Nation*. Oxford: Oxford University Press, 2003. Edição Kindle: “No American Dream has broader appeal, and no American Dream has been quite so widely realized”.

família, ou: “a mais feia filha de dois pais bonitos que já existiu no mundo” (ROTH, 2013, p. 296). Sigmund Freud já havia observado que “a sujeira de qualquer espécie nos parece incompatível com a civilização” (FREUD, 2002, p. 46), e as imperfeições de Merry parecem incompatíveis com as perfeições de seus pais. Como a antropóloga social e seguidora de Émile Durkheim, Mary Douglas, no seu renomado estudo da década de 1960 sobre os conceitos de pureza e impureza nas diferentes sociedades em diferentes momentos históricos salienta: “a sujeira ofende a ordem e eliminá-la não é um movimento negativo, mas um esforço positivo de organizar o ambiente” (DOUGLAS, 2014, p. 12). Merry é o elemento indesejado, não apenas na sua atitude, como em todo seu ser, que exala tudo que os Levov não são: feios e problemáticos. Contudo, ao seguir seu papel de herói, Levov não consegue eliminar os aspectos desestabilizadores de Merry, uma vez que ser agressivo com ela iria contra seus princípios. De acordo com seu irmão, Jerry, o problema de Sueco é exatamente esse, a falta de violência para eliminar a sujeira representada pelo comportamento da filha que destruiu a família e o retirou do seu Sonho Americano: “foi a falta de raiva que o matou, no final. Supondo-se que a agressão seja higiênica e curativa” (ROTH, 2013, p. 91).

O comportamento de adolescente questionadora, a princípio, não mais do que uma atitude típica da idade, uma vez que é nesse período que boa parte dos jovens começa a se posicionar politicamente frente às questões que os cercam, ultrapassa os limites aceitáveis, e a passividade de Sueco frente à agressividade da filha permite que Merry saia de uma posição questionadora inofensiva diretamente para a posição de uma terrorista procurada pela polícia por matar quatro pessoas, tudo por que, segundo Jerry, Sueco não havia tomado atitude alguma, uma vez que tinha “medo de criar uma cena desagradável” (ROTH, 2013, p. 332). A desculpa de utilizar a agressão como forma de higienizar e curar o ambiente infestado, como Jerry sugere, se pauta, em grande medida, na implicação do caráter caótico da desordem, que, segundo Mary Douglas é ilimitada e, portanto, “simboliza tanto perigo quanto poder” (DOUGLAS, 2014, p. 117). Tais aspectos são possíveis de se observar na trajetória de Merry – se a considerarmos como o elemento que traz a desordem para a pastoral americana de Levov.

Em uma narrativa que abraça o mito estadunidense do *melting pot*, Merry descende de um pai judeu e uma mãe irlandesa católica, não obstante ambos serem nascidos nos Estados Unidos e terem convicções religiosas bem menos rigorosas que seus pais, o que

permite que ela escolha ser católica na infância, por influência da avó materna, para terminar como jainista depois das quatro mortes que provocou. Em tal trajetória, fica marcado o seu papel de antagonismo com Sueco, o herói da narrativa, agindo como uma espécie de duplo do mesmo, no qual toda a ira reprimida pelo protagonista toma forma. Merry é apresentada como a poluição da imagem da família perfeita, a pessoa que “explodiu e mandou suas normas para os quintos dos infernos” (ROTH, 2013, p. 336).

Se, como Douglas observa, “aqui e ali, descobrimos que o que é errado é também polutivo. As regras de poluição apenas realçam um pequeno aspecto do comportamento moralmente desaprovado” (DOUGLAS, 2014, p. 160), não há dúvidas de que Merry é o elemento moralmente reprovado de *Pastoral Americana* e, se como Zygmunt Bauman aponta em um de seus estudos sobre a pós-modernidade que tratam sobre a ordem e desordem no mundo “líquido”, “uma das mais inquietantes ‘impurezas’ na versão moderna da pureza eram os revolucionários” (BAUMAN, 1998, p. 26), Merry incomoda justamente por seu papel de militante, naturalmente antagonista do “verdadeiro” americano que é Seymour. Tal papel, assumido por Merry no ápice do entusiasmo utópico de que algo poderia ser feito para transformar o mundo em um lugar melhor, é posto por terra em uma década na qual a publicidade ganhou força e a incorporação de ideais revolucionários pelo sistema capitalista como forma de manter vivo um sistema que tem como característica englobar no seu discurso qualquer reação contrária a si mesmo, deslegitima os movimentos mais do que nunca.

É em meio ao infortúnio de finalmente perceber o caos que Levov apreende a impossibilidade de ainda viver sua pastoral. Ela não faz mais parte da sua realidade, não pode mais existir nesse mundo, é anacrônica. Ao tomar consciência da discrepância de tempos que ele e Merry habitavam, e que, não importando mais o motivo de Merry ter destruído sua família e retirado Sueco de seu mundo ideal, uma grande reflexão se apodera de Seymour, a de que “sua capacidade de sofrer não existe mais”. E é então que a perda de esperanças do próprio narrador fica evidente. Na escolha de contar apenas a história de queda do Sueco, sem incluir a vida pré ou pós-Merry/Dawn que, aparentemente, não havia sido acometida por nenhum grande fracasso, ele resolve contar o fim de vários sonhos que se dão justamente no período da década de 1960 e 1970: a desilusão com as guerras, o fracasso dos movimentos revolucionários e a queda definitiva do ideal de família nuclear. No final do século XX, não



apenas a ordem desapareceu como o que restaram foram apenas discursos vazios que não mais constituem possibilidades reais para a criação de utopias possíveis.

REFERÊNCIAS

ADAMS, James Truslow. *America Faces 1933 Realities*: Disponível em: <<http://www.nytimes.com/learning/teachers/archival/19330101AmericanDream.pdf>>. Acesso em: 3 jan. 2016.

_____. *The Epic of America*. New York: Simon Publications, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

CULLEN, Jim. *The American Dream: A Short History of an Idea that Shaped a Nation*. Oxford: Oxford University Press, 2003. Edição Kindle.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

ROTH, Philip. *Pastoral Americana*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.

_____. *A marca humana*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2014.

SAMUEL, Lawrence R. *The American Dream: A Cultural History*. New York: Syracuse University Press, 2012.